

Suspenso até às 11h00 de Quinta-Feira, 18 de Janeiro de 2006



Para obter mais informações, entre em contacto com:
John Dutcher - (515) 334-3464, escritório
(515) 238-5051, telemóvel
j.dutcher@mchsi.com

Área da biotecnologia global ultrapassa os cem milhões de hectares registando um crescimento de 13%

Estudo prevê duzentos milhões de hectares, vinte milhões de agricultores em 2015

NOVA DELI, ÍNDIA – (18 de Janeiro de 2007) Os agricultores continuaram a aderir rapidamente às culturas biotecnológicas em todo o globo em 2006, gerando vários marcos de adesão para as culturas melhoradas tecnologicamente com a produção em maior escala de alimentos, rações para animais, fibras e combustível, de acordo com um relatório anual divulgado hoje pelo Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações Agro-Biotecnológicas (International Service for the Acquisition of Agri-Biotech Applications, ISAAA).

No início da segunda década de adesão às culturas biotecnológicas, a área deste tipo de culturas cresceu doze milhões de hectares ou 13%, atingindo os 102 milhões de hectares, quebrando assim a barreira dos cem milhões de hectares pela primeira vez, e alcançando o segundo maior crescimento nos últimos 5 anos. O crescimento no período de 1996 a 2006 é equivalente a um aumento sem precedentes de sessenta vezes, a maior taxa de adesão de qualquer tecnologia de cultivo. Além disso, a quantidade de agricultores a cultivar culturas biotecnológicas ultrapassou os dez milhões pela primeira vez, chegando aos 10,3 milhões, contra os 8,5 milhões de agricultores em 2005.

Clive James, presidente e fundador da ISAAA e autor do relatório, espera que estes níveis de adesão continuem a acelerar durante toda a segunda década de comercialização. Até 2015, a ISAAA prevê que mais de vinte milhões de agricultores cultivem duzentos milhões de hectares de culturas biotecnológicas em cerca de quarenta países.

“Mais de 90% ou 9,3 milhões de agricultores que cultivaram culturas biotecnológicas no ano passado eram pequenos agricultores de poucos recursos nos países em vias de desenvolvimento, o que permitiu que a biotecnologia desse uma modesta contribuição para a mitigação da sua pobreza”, afirmou James. “Milhões de pequenos agricultores de poucos recursos irão recorrer ao potencial oferecido pelas culturas biotecnológicas na próxima década.”

De facto, o relatório indicou que o crescimento da adesão à cultura biotecnológica foi substancialmente maior nos países em vias de desenvolvimento, atingindo 21%, contra um crescimento de adesão de 9% nos países industrializados. Os países em vias de desenvolvimento são agora responsáveis por 40% da área de cultura tecnológica global.

Ravinder Brar, uma mãe viúva de dois filhos e produtora de algodão biotecnológico na Índia, diz que os agricultores dos países em desenvolvimento precisam do aumento de produção e rendimento que as culturas biotecnológicas oferecem, assim como dos benefícios económicos e ambientais que tais culturas proporcionam.

“As minhas culturas biotecnológicas reduziram os custos com pulverizações e resultaram em maiores produções. Espero que as culturas biotecnológicas aumentem os meus lucros, proporcionando uma vida melhor para a minha família”, afirma ela.

C.D. Mayee, membro do conselho administrativo da ISAAA e presidente da Comissão de Recrutamento de Cientistas Agrícolas da Índia (India’s Agricultural Scientists Recruitment Board), confirma os comentários de Brar. “O algodão Bt tem contribuído significativamente para o aumento da produção de algodão na Índia, passando de 308 kg de fio por hectare em 2001-2002 para 450 kg de fio por hectare em 2005-2006. Por sua vez, o aumento da produção de algodão Bt foi o que mais contribuiu para o aumento nas exportações de algodão da Índia, que dispararam de 0,9 milhões de fardos em 2007 para 4,7 milhões de fardos em 2006, o maior recorde já alguma vez registado na Índia.”

Estes benefícios estão a gerar um crescimento generalizado das culturas biotecnológicas em todo o mundo. Em 2006, existiam já centros de crescimento importantes em cada um dos principais continentes, proporcionando uma base ampla e estável para as culturas biotecnológicas na segunda década. Além disso, embora 22 países tenham cultivado culturas biotecnológicas no ano passado, o relatório indicou que outros 29 países aprovaram a importação de culturas biotecnológicas para utilização no sector alimentar/ração animal e libertação no meio ambiente.

“Mais de metade da população global de 6,5 biliões de pessoas vive hoje em países onde são cultivadas culturas biotecnológicas, permitindo que 3,6 biliões de pessoas beneficiem das vantagens económicas, sociais e ambientais geradas através das culturas biotecnológicas”, declarou James. “Com 51 países no total a ganhar experiência em culturas biotecnológicas, a aceitação vai continuar a crescer.”

Principais centros de crescimento

Américas: os Estados Unidos continuam a impulsionar o crescimento na América do Norte e em todo o mundo, sendo responsáveis pelo maior aumento absoluto de área em acres em 2006, com a adição de 4,8 milhões de hectares. O Brasil lidera o crescimento na América do Sul, com um aumento de 22%, totalizando 11,5 milhões de hectares de soja e algodão biotecnológicos, este último comercializado pela primeira vez em 2006.

Ásia: A Índia está a emergir como principal líder na Ásia. Este país protagonizou o aumento percentual mais substancial, com 192% ou 2,5 milhões de hectares, totalizando 3,8

milhões de hectares, saltando dois lugares na classificação mundial e tornando-se o quinto maior produtor de culturas biotecnológicas do mundo, ultrapassando a China pela primeira vez.

África: A África do Sul registou avanços significativos no ano passado, liderando o progresso do continente africano ao praticamente triplicar a sua área de culturas biotecnológicas. Notavelmente, o ganho veio do milho branco Bt, utilizado principalmente para o sector alimentar, e do milho amarelo Bt, utilizado para ração animal.

Europa: O crescimento também continua nos países europeus, onde a Eslováquia se tornou o sexto país entre os 25 da Europa a cultivar culturas biotecnológicas. A Espanha continua a liderar o continente, cultivando cerca de 60.000 hectares em 2006; no entanto, os outros cinco países da Europa registaram um aumento de cinco vezes nas plantações, passando de 1.500 hectares em 2005 para cerca de 8.500 hectares em 2006. No seu segundo ano de plantação de milho biotecnológico, após uma lacuna de quatro anos, Portugal quase duplicou a sua área de produção de milho resistente a insectos em 2006, atingindo cerca de 1.250 hectares.

Futuros geradores de crescimento

A ISAAA prevê que este crescimento continue na segunda década de comercialização, com oportunidades significativas em múltiplas áreas geográficas.

“A comercialização de arroz biotecnológico por si só poderá gerar a adesão às culturas biotecnológicas muito para além da estimativa conservadora de vinte milhões de agricultores, atingindo oitenta milhões de agricultores. Esta previsão baseia-se numa taxa de adesão de um terço dos 250 milhões de agricultores de arroz do mundo inteiro, a maioria dos quais são agricultores de poucos recursos, 90% dos quais se encontram na Ásia. O arroz biotecnológico com resistência a insectos para melhorar a produção pode ter um impacto substancial na meta das Nações Unidas para o desenvolvimento do milénio, que tem como objectivo a redução da pobreza para metade até 2015, e o arroz dourado enriquecido com vitamina A pode melhorar significativamente a nutrição”, declarou James.

Os biocombustíveis serão também importantes geradores de crescimento. As culturas biotecnológicas serão utilizadas para aumentar a eficácia e satisfazer a procura crescente de energia alternativa, assim como explorar as opções da biotecnologia para trazer o etanol baseado na celulose das plantações de energia para o mercado. As culturas biotecnológicas podem desempenhar um papel importante na satisfação da crescente procura de alimentos e combustível. Além disso, espera-se que as culturas biotecnológicas com características tolerantes à seca cheguem ao mercado dentro dos próximos cinco anos, aumentando substancialmente as oportunidades de produção em climas mais secos.

Embora as Américas tenham liderado a primeira década da adesão às culturas biotecnológicas, a segunda década irá provavelmente apresentar um crescimento significativo na Ásia e respectivos países em vias de desenvolvimento, tais como a Índia, China e Filipinas, assim como nos países que adoptaram recentemente a biotecnologia, como o Paquistão e o Vietname. Na África, a experiência da África do Sul irá provavelmente levar outros países a começar a cultivar culturas biotecnológicas, incluindo o Egipto, Burkina-Faso e Quênia, onde foram já realizados ensaios no terreno com resultados prometedores. Por fim, o aumento global consistente da adesão às culturas biotecnológicas irá provavelmente assumir-se como uma tendência que merece um maior reconhecimento da Comunidade Europeia. A França, como estado membro principal, é um exemplo importante, tendo aumentado a sua área de milho Bt várias vezes, atingindo os 5.000 hectares em 2006.

“Estamos num momento empolgante da adesão à biotecnologia”, afirmou James. “Ao olharmos para o futuro na segunda década de comercialização, existem muitos factores a potenciar o crescimento substancial das culturas biotecnológicas muito para além dos primeiros

adesores. É nesta década que as culturas biotecnológicas podem dar uma contribuição significativa ter um impacto positivo nos 1,3 bilhões de pobres a nível mundial.”

O relatório é co-patrocinado pela Fundação Rockefeller, uma organização filantrópica sediada nos EUA, associada com a Revolução Verde que salvou mais de um bilhão de vidas na década de 1960, e com o Ibercaja, um dos maiores bancos espanhóis com sede na maior região de cultivo de milho da Espanha. Para obter mais informações ou o resumo executivo, visite www.isaaa.org.

O Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações Agro-Biotecnológicas (International Service for the Acquisition of Agri-Biotech Applications, ISAAA) é uma organização sem fins lucrativos com uma rede internacional de centros destinada a contribuir para mitigar a fome e a pobreza através da partilha de conhecimentos e de aplicações de cultura biotecnológica. Clive James, presidente e fundador da ISAAA, viveu e/ou trabalhou nos últimos 25 anos em vários países em vias de desenvolvimento da Ásia, América Latina e África, dedicando os seus esforços à pesquisa agrícola e questões de desenvolvimento, com particular ênfase na cultura biotecnológica e na segurança alimentar global.